

Ulisses como protótipo do homem moderno a partir de uma leitura de Adorno e Horkheimer na Dialética do Esclarecimento.

Olmaro Paulo Mass¹

RESUMO: Ulisses e seus companheiros sofrem, enfrentam os obstáculos, as intempéries da natureza, que também lhes dão condições para a sua sobrevivência. Necessitam de respeitar as regras impostas pelos deuses e da natureza para enfrentar o desconhecido, o monstruoso. A lei da hospitalidade não é respeitada, e Ulisses e seus companheiros padecem do elo entre os mortais e a dos deuses. Mas Ulisses como sujeito mortal constitui-se astuto mediante a dominação de seus instintos e da natureza em relação aos perigos do mar. Ulisses forja uma mediação às normas da natureza, submetendo-se numa aparente rendição ao seu destino, para superar os obstáculos, os percalços imprevistos.

Palavras - chave: Ulisses, natureza hospitalidade, mito e esclarecimento

Para Adorno e Horkheimer, a desmitologização e a dominação da natureza não estão interrompidas. O conceito de esclarecimento está relacionado ao desencantamento do mundo, por meio da imaginação e a criação mítica e à modernidade, por um saber mais lógico, abstrato e seguro. A sociedade burguesa, dominada pelo equivalente de sobrevivência desenvolve um processo de repulsa quando não há mais reconhecimento do seu poder, substrato de sua dominação: “cada resistência espiritual que ele encontra serve apenas para aumentar a sua força. Isso se deve ao fato de que o esclarecimento ainda se reconhece a si mesmo nos próprios mitos”². Por isso, o fim do terror nacional socialista e as sucessivas guerras não são meros fatos históricos isolados ou acidentais, mas resultado do totalitarismo e da hipocrisia da civilização burguesa que impera por meio do *medo e da autoconservação*.

A partir do conceito de racionalidade instrumental desenvolvida na Dialética do Esclarecimento, Adorno e Horkheimer, procuram às raízes da ruína da modernidade, do projeto iluminista que não conseguiu atingir seus objetivos, sua finalidade: *tornar os*

¹ Mestrando pela PUCRS. opmass@ibest.com.br

² ADORNO E HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*, 1996, p. 19

indivíduos livres numa sociedade emancipada. A racionalidade científica por meio da tecnologia, é que permitiria aos indivíduos criar condições materiais favoráveis a fim de promover o bem estar a todos os indivíduos. Progresso é sinônimo de conquista e os desenvolvimentos tecnológicos, auxiliariam nas transformações históricas específicas que solucionariam os problemas econômicos e sociais da humanidade.

Ulisses constrói uma relação diferenciada e ambígua em relação às formas miméticas de assimilação e abstração perante as divindades. Para Adorno e Horkheimer a Odisséia mito, dominação e trabalho em que, a sobrevivência é assegurada mesmo que seja minimamente consciente ou esclarecida, em que “o eu consegue escapar à dissolução na natureza cega, cuja pretensão o sacrifício não cessa de proclamar”³ então entrelaçados.

Portanto, a nossa argumentação é de por meio da leitura da Odisséia de Homero, é possível reconstruir a origem da proto-forma do indivíduo burguês da racionalidade moderna. Vamos trazer presente somente uma das passagens da Odisséia, reinterpretada na Dialética do Esclarecimento: o encontro de Ulisses com o gigante Polifemo.

O sacrifício e a astúcia: autoconservação e medo

Ulisses é um personagem da odisséia de Homero, que representa uma ruptura em relação à natureza, embora seja afetado, passa por diversos perigos e é colocado à prova constantemente pelas forças sagradas da natureza. Sua agudeza se origina através de uma aparente rendição ao processo cíclico às leis mitológicas, que tinham um vínculo direto e devidamente determinado por meio de representações ritualísticas pré-definidas. A formação psíquica dos indivíduos era determinada e provinha do poder divino, dos deuses, representados por meio de figuras específicas e rituais de sacrifícios atrelados a um poder regente. Ulisses forja uma mediação às normas da natureza, submetendo-se numa aparente rendição ao seu destino, para superar os obstáculos, os percalços imprevistos. Segundo Pucci, “se a sobrevivência dos mitos baseava-se na necessária repetição e cumprimento das normas contratuais, Ulisses consegue cumprir o contrato, mas acrescenta novas artimanhas não previstas nas cláusulas originais”⁴.

³ ADORNO E HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*, 2006, p. 53.

⁴ PUCC, Bruno, Newton Ramos, Zuin, Antônio. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*, 2000, p. 49.

Mas o herói que sucumbe às forças dissolutas da natureza e regressivas desse caminho sem voltas, emancipa-se com o sofrimento ao forjar uma identidade simbólica mimética: “nos perigos mortais que teve de arrostar, foi dando têmpera à unidade de sua própria vida e à identidade da pessoa”⁵. Portanto, Ulisses como sujeito mortal constitui-se astuto mediante a dominação de seus instintos e da natureza em relação aos perigos do mar, ou seja, do desconhecido e infinito. Ulisses e seus companheiros sofrem, enfrentam obstáculos, as intempéries da natureza, que também lhes dão condições para a sua sobrevivência. Necessitam de respeitar as regras impostas pelos deuses e da natureza para enfrentar o desconhecido, o monstruoso. A lei da hospitalidade não é respeitada, e Ulisses e seus companheiros padecem do elo entre os mortais e dos deuses. A sobrevivência está ameaçada:

Embarcaram imediatamente e sentaram-se nos bancos; depois, em boa ordem, feriam com os remos o alvacento mar. Dali, prosseguimos a viagem, com o coração amargurado. Chegamos à terra dos ciclopes, homens soberbos e sem leis, que, confiando nos deuses imortais, não plantam nem lavram; entre os quais tudo nasce, sem que a terra tenha recebido semente Zeus intumesce. Não têm assembleias que julguem ou deliberem, nem leis; vivem em côncavas grutas, no cimo de altas montanhas: e cada um dita a lei a seus filhos e mulheres, sem se preocuparem uns com os outros⁶.

É interessante perceber que ao assegurar o domínio sobre a natureza, o itinerário geográfico vai influenciando a trajetória do sujeito racional que é ameaçado pelos fatores externos e internos, pois até então havia uma relação de modulação e harmonia entre os indivíduos e os deuses. Quando Ulisses chega a uma terra desconhecida, sente-se desprotegido, inseguro e com medo e, sobretudo, desamparado pelos deuses. Homero ressalta a ordem estabelecida e cíclica do cosmo, que está quebrada, voltado ao caos. O estrangeiro que deveria ser acolhido com hospitalidade é desrespeitado pelas regras mínimas de amparo e de abrigo. O apelo de Ulisses a Zeus, o deus da hospitalidade, o protetor dos estrangeiros, é ignorado pelo Ciclope Polifemo. É uma terra sem lei e sem normas. Por isso, toda a precaução é fundamental para conseguir estabelecer um pacto mínimo para sobreviver ou se fortalecer para atingir os objetivos, ou seja, encontrar o caminho de volta. Cansado e com fome Ulisses desconfia da nova realidade, da terra desconhecida, mas não imagina que a

⁵ ADORNO E HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*, 2006, p. 38.

⁶ ODISSÉIA, Homero. Canto IX. (trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: abril, 1978, p. 83

situação que iria encontrar se tornaria ainda problemática. Diz, “vamos procurar que homens são estes: se violentos, se selvagens e sem injustiça, ou se hospitaleiros e respeitadores dos deuses”⁷. Sem proferir palavras, Ciclope, se demonstra não possuir normas políticas ou morais, nem culto aos deuses⁸.

O episódio do ciclope fere todas às regras da hospitalidade em que os estrangeiros eram acolhidos e num pacto simbólico da paz trocavam presentes entre eles. Desconhece a prática do sacrifício, sem rito e sem norma, devora os estrangeiros sem temer aos deuses. Não oferece presentes e nem procede com gesto confiáveis. Mas come crus os companheiros de Ulisses. O Ulisses ao perceber que a lei da hospitalidade é negada, nega também a sua identidade, identificando-se com *ninguém*. Sem presente valioso para oferecer a Ciclope, lhe oferece estrategicamente um vinho forte, cumprindo assim, com medo e com temor, a norma da hospitalidade. Polifemo ao se deliciar com o vinho, nunca antes tomado, em troca oferece a Ulisses um outro presente: Ulisses seria devorado por último, anunciando-lhe a sua morte sem ter a possibilidade de propor outro pacto. Mas a autoafirmação de Ulisses, proveniente de suas estratégias, forja um sujeito que se constitui numa identidade imediata, que se conserva na estrutura mítico-mágico. Ao tentar se salvar das garras de Polifemo produz uma autonegação de sua subjetividade.

⁷ ODISSÉIA, Homero. *Canto IX*, 1978, p. 83.

⁸ Chegando numa ilha longínqua, não cultivada e sem cidades, Ulisses e seus companheiros se aventuraram até uma caverna, habitação primitiva de um mostro gigantesco, com um único olho no meio da testa, o ciclope Polifemo, filho do deus do mar, Poseidon. Excitado pela curiosidade, esperam dentro da caverna até o ciclope voltar ao cair da noite. Essa curiosidade lhe será fatal porque o monstro desconhece todas as leis sagradas da hospitalidade, aprisiona os viajantes dentro da caverna, fecha a entrada com uma pedra gigantesca e promete devorá-los na ceia noturna. Aqui intervém um dos mais famosos ardis de Ulisses: pergunta sobre o seu nome, Ulisses não revela sua identidade verdadeira, mas auto-nomeia de “ninguém” e inventa uma história fictícia para explicar sua chegada a ilha. Um segundo ardil segue à ceia do monstro, no qual foram devorados, vivos e crus alguns companheiros de Ulisses. Como sobremesa Ulisses oferece a Polifemo uma porção generosa do vinho precioso que conseguiu conservar, até então, no seu navio, último sinal do mundo culto e civilizado dos homens. O ciclope, que nunca tinha bebido um vinho tão bom, se delicia, repete a dose, fica bêbado e adormece pesadamente. Ulisses e seus companheiros se aproveitam do seu sonho para lhe furar o único olho com um tronco previamente apontado. O ciclope grita de dor, seus irmãos acorrem do lado de fora, mas ele só é capaz de dizer “ninguém” – insto é Ulisses – o feriu. Os outros ciclopes zombam dele e vão embora. No raiar da aurora Polifemo afasta a pedra que fechava a entrada da caverna e faz sair seu rebanho de ovelhas, embaixo das quais os companheiros de Ulisses se escondem. Ulisses sai por último agarrado à lã do ventre do carneiro preferido de Polifemo. Todos correm até o navio e fogem da ilha, sem que, no entanto, Ulisses consiga resistir à tentação de revelar sua verdadeira identidade. Grita ameaças ao ciclope e anuncia o seu verdadeiro nome. Enfurecido, Polifemo joga um rochedo em direção do navio e quase o esmaga. Depois reconhece que tudo isso tinha sido previsto por um oráculo e pede ao seu pai, Poseidon, que puna Ulisses e faça-o morrer em alto mar, sem jamais retornar a Ítaca – o deus do mar houve a prece de seu filho.

Surge a pergunta: porque Ulisses não revela seu verdadeiro nome? Ulisses ao denominar-se com *ninguém*, taticamente monta a sua armadilha, nega a sua identidade, como alguém inexistente, entre a sua condição de ser e a realidade para escapar à vingança do monstro. Ele é o outro, e outro é o estrangeiro, que está desamparado, que precisa proceder a uma troca para ser reconhecido e poder estabelecer um diálogo. Ulisses pela capacidade ardil de resistir pelo viés da negação, não diz seu verdadeiro nome e, sabe distinguir a sua verdadeira identidade, pois *ninguém* se torna mediação, objeto e trampolim para salvaguardar as relações de poder e da força de seu próprio desejo. Segundo Adorno e Horkheimer, “o sujeito Ulisses renega a própria identidade que o transforma em sujeito e preserva a vida por uma imitação mimética do amorfo”⁹. Ou ainda, “para alienar-se da natureza ele se abandona à natureza, com a qual se mede em toda aventura”¹⁰. Para salvar a sua vida dos perigos e da morte, Ulisses renuncia a si mesmo, reconhecendo-se com vítima, para poder se aproximar e assimilar a simbiose entre esclarecimento e natureza. Para Ghiraldelli, “a viagem seria, então, o percurso no qual a subjetividade se organiza enquanto unidade; subjetividade forjada na luta entre o pensamento iluminista – que quer o fim das ilusões, completa claridade sobre o desconhecido que amedronta e angustia o homem”¹¹. Portanto, o autodomínio, produto da disciplina impregnado na autoconservação, é proporcional a unidade subjetiva-racional, processo indispensável para a vitalidade do esclarecimento, mesmo ainda que, o homem e a natureza se confundem ou conservem uma tendência imanente de identificação. É impossível ainda pensar, numa terminologia cartesiana, a separação entre o cogito e res extensa.

A conquista de Ulisses sobre cada potência mítica, concomitantemente, é uma vitória sobre o seu próprio eu que se personifica ao ir além de si mesmo. A vitória de Ulisses, é relida por Adorno e Horkheimer, com aquele que “atua ao mesmo tempo como vítima e sacerdote. Ao calcular seu próprio sacrifício, ele efetua a negação da potência a que se destina esse sacrifício. Ele recupera assim a vida que deixara entregue”¹². O estratagema ou astúcia de Ulisses têm sua origem no culto e na prática do sacrifício que oferece as divindades.

Breves considerações finais

⁹ ADORNO E HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*, 2006, p. 63.

¹⁰ ADORNO E HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*, 2006, p. 50.

¹¹ GHIRALDELLI, Paulo. *O corpo de Ulisses. Modernidade e materialismo em Adorno e Horkheimer*. São Paulo: Escuta, 1996, p. 111.

¹² ADORNO E HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*, 2006, p. 51.

A experiência de comunicação que se realiza por meio da linguagem simbólica através do sacrifício, não deve ser separada da divinização da vítima abatida, pois há um entrelaçamento de representabilidade de uma fungibilidade que se restringe a divindade. Por isso, Ulisses é calculista, usa a medida certa e se distancia na hora certa. Segundo Duarte, quando diz que “*meu nome é ninguém*”, está a negar sua própria identidade, tem de se igualar ao nada, e isto é tão terrível que o próprio Ulisses só aguenta até conseguir sair, pendurado na barriga de um carneiro”¹³. O herói da epopéia vence as superstições da natureza, os obstáculos, mas cai num processo de troca e de dependência, conservando a gênese do mito.

Na sua farta sorte, emancipa-se das forças naturais, rompendo barreiras e esquemas, mas permanece encilhado e teme ao ardor dos deuses que perseguem o seu caminho. Toda a sua trajetória é marcada por aventuras perigosas que modificam o caminho de volta. Perturbado, pensando que os deuses lhe tinham abandonado, com medo e fisicamente mais fraco procura lutar e permanecer vivo. Os novos caminhos, percurso, são condição para sobrevivência. Para Matos, razão pelo qual nunca pode entrar diretamente em conflito com as forças míticas tendo sempre de reconhecer o estatuto das cerimônias sacrificiais para apaziguá-las. Cada uma delas apresenta um aspecto do ciclo da natureza à qual o homem está ligado”¹⁴.

Bibliografia

ADORNO, Teodoro W./HORKHMEIMER, Marx. *Dialética do Esclarecimento*. (Trad. Guido de Almeida). Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Duarte Rodrigo. *Adorno/Horkheimer e a Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. *O conceito de Esclarecimento*. In: Seis leituras sobre a Dialética do Esclarecimento (Org. Rodrigo Duarte e Marcia Tiburi). Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2009

GHIRALDELLI, Paulo. *O corpo de Ulisses. Modernidade e materialismo em Adorno e Horkheimer*. São Paulo: Escuta, 1996

MATOS, Olgária C.F. *Os Arcanos do Inteiramente Outro: a Escola de Frankfurt, a Melancolia e a Revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹³ VALLS, Alvaro. Adorno e Ulisses ou Mito e Esclarecimento. In: Seis leituras sobre a Dialética do Esclarecimento (org. Rodrigo Duarte e Marcia Tiburi), 2009, p.35.

¹⁴ MATOS, Olgária. Os arcanos do Inteiramente Outro, 1989, 155.

PUCCI, Bruno; OLIVEIRA Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis: Vozes, 1999.

TIBURI, Marcia. *Crítica da Razão e Mimesis no pensamento de T.W. Adorno*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995

HOMERO. *Odisséia* Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.